

Orientações instituintes na formação de uma educadora sempre aprendiz

Isabel Noemi Campos Reis¹¹⁶

Resumo

O presente artigo registra uma orientação de mestrado como sendo uma experiência instituinte em educação. As vivências apresentadas neste texto foram realizadas no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e dão destaque ao cotidiano acadêmico das aulas de orientações ministradas pela professora Célia Linhares entre os anos de 2003 e 2004. Como uma *recuperação histórica* de ações desenvolvidas em sala de aula, as experiências narradas neste artigo registram aprendizagens e ensinagens construídas em ambiências instituintes coletivas, dialógicas e problematizadoras.

Palavras chave: educação; memória; práticas instituintes; Célia Linhares.

Abstract

The presentation article registers an orientation for a Master's Degree as an institutional experience in education. Situations shown in this text took place in the Post Graduate Program in Education of Universidade Federal Fluminense and focus the daily academic orientation classes given by Professor Celia Linhares during the years of 2003 and 2004. As a historic recovery of action developed in classrooms, experiments which are presented in this article register learning and teaching carried out in collective ambiances, dialectic and offering problems.

Key words: education, memory, institutional practices, Celia Linhares.

¹¹⁶ *Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora integrante do Grupo Aleph – Programa de Pesquisa, Aprendizagem/Ensino e Extensão em Formação dos Profissionais da Educação. / e-mail: isabelcamposreis@gmail.com*

Ao receber o convite do Programa de Pesquisa, Aprendizagem/Ensinar e Extensão em Formação dos Profissionais da Educação - Aleph, para que nós, membros deste Programa, escrevêssemos um artigo para a comemoração dos dez anos da revista eletrônica do Aleph, recebemos também a instigação para que narrássemos uma experiência instituinte em educação. Tal convocação, imediatamente me fez pensar na orientação que recebi da professora Célia Linhares como sendo uma experiência instituinte em educação, que muito potencializou as minhas vivências e meus pensamentos enquanto mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

Na procura de atender à demanda da construção de um artigo, fui levada a me reencontrar com um texto/carta que escrevi entre os anos de 2003 e 2004, período em que frequentava as aulas que a professora Célia Linhares ministrava naqueles cursos (Mestrado e Doutorado em Educação), como estudante ouvinte (2003) e como mestranda (2004). A escrita deste texto/carta foi construída livremente com o intuito de atender a uma demanda pessoal de expressar para mim mesma o significado da experiência vivenciada naquelas aulas que dia-a-dia iam repercutindo em mim e me provocando diversas questões.

Então, trago como corpo deste artigo – *aqui marcado em itálico* –, o texto/carta mencionado nos parágrafos anteriores, construído enquanto vivenciava o curso de mestrado na UFF. Ainda que na versão atual do texto/carta eu tenha atualizado alguns tempos verbais, para facilitar a leitura presente de uma escrita feita há cerca de 10 anos atrás, devo confessar minha dificuldade de levar determinados verbos para o pretérito, uma vez que a presença da professora Célia Linhares e do grupo Aleph em mim, são partes vivas do presente e, se movimentam me mobilizando continuamente.

Na minha vida profissional, tenho experienciado grandes oportunidades de aprendizado, sobretudo, ao que se refere ao trabalho com grupos plurais. São crianças, adolescentes, adultos e idosos das classes populares e médias, professores das redes Municipal e Estadual do Rio de Janeiro, pessoas moradoras de rua... colegas de trabalho... Convívios que exigem de mim sensibilidade e poros abertos para perceber singularidades de cada grupo com o qual interajo. Nestes exercícios, vou buscando construir formas para

estabelecer diálogos e trabalhar com especificidades de cada grupo, de cada contexto e de cada pessoa, em particular, na construção de interlocuções e de aprendizagens mútuas. Mas nestes compartilhamentos profissionais, venho sendo tocada por uma questão que me acompanha em todas as interações urdidas desde a minha primeira experiência profissional. Questão esta, que tem me instigado reflexões e ações, ontem e hoje: Qual palavra se faz presente de forma recorrente nas interações da minha vida profissional?

Dialogando com esta pergunta, percebo a magia da palavra afeto. O quanto ele – o afeto – é esperado, mesmo quando surge em ausência, saltando nas minhas percepções sensoriais em todos os trabalhos e relações que teço e vivencio.

Afetar-se facilita ao professor e ao estudante apropriar-se de si na reavaliação de sua prática. Deixar-se afetar pelo outro, reconhecendo também a responsabilidade por afetar. E é justamente este diálogo e essa tessitura, em que respeito, admiração e reconhecimento de formas de pensar, de comunicar-se e de estar no mundo com confluências e diferenças, que acredito serem capazes de abrir caminhos para os aprendizados, favorecendo a desconstrução de certezas e os exercícios para superações.

Sustentados no afeto, é possível criar ambiências de confiança e, com fiança, vamos nos comprometendo conosco e com o outro na busca de sermos uma rede que se fortalece na prática do diálogo. Confiantes, o coração se encoraja. Acolhidos na alma, acredito ser mais fácil abandonar as defesas que nos cegam para a percepção e o diálogo com as inúmeras complexidades da múltipla realidade emergente.

Com essas percepções, cheguei à aula da professora Célia Linhares como aluna ouvinte e me encontrei comigo mesma, ao reforçar a questão do afeto que tanto fortalece e impulsiona o indivíduo. Fui sendo tocada, imensamente, pela maneira como esta professora busca se debruçar nas problemáticas apresentadas na pesquisa de cada estudante, em convite reiterado para que cada um – e todos – narrem, mais uma vez, as reflexões que movem seus fazeres reflexivos.

Sempre me chamou a atenção, o exercício de contar o já contado e perceber mudanças que se fazem presentes na narração que se reconstrói constantemente. A prática

de nos escutarmos com um olhar cada vez mais agudo, mais politizado, mais reflexivo e acima de tudo, delicado e respeitoso são também algumas das ações realizadas na sala de aula da professora Célia, quando vão sendo construídas redes de intercomunicações entre academia, sujeitos, experiências e o largo entorno tantas vezes levado nas aulas pelos compartilhamentos.

Naquelas aulas, eu era tocada quando, continuamente, éramos convidados a nos debruçar nas escritas dos colegas e nas nossas próprias produções, por meio de gestos generosos que delicadamente buscavam pinçar ora potências e surpresas, ora fragilidades dos textos construídos, apontando caminhos para perguntas, questionamentos, para dúvidas e reconhecimentos das complexidades. Com olhos de ver e de sentir, a professora Célia também nos convidava a buscar e aproveitar diferentes preciosidades contidas nos textos produzidos por todos do grupo, para que tesouros fossem mantidos e desdobrados. Enfim, vivíamos juntos momentos de amadurecimento crítico e reflexivo que nos encorajava. Mesmo com alguns sustos.

Naqueles momentos de compartilhamentos, valores se faziam matéria, despertando-me a atenção para a busca de se criar uma ambiência favorecedora do exercício da troca e da agudez reflexiva, que nos entrelaçam, fiando-nos uns aos outros em confianças. E estas fianças foram e vão possibilitando o desnudamento de fragilidades e de forças, peculiares ao processo de construção de uma pesquisa e, próprias do viver.

Em algumas aulas fiquei quieta por perceber meus olhos brilharem molhados por me deparar com uma professora que traz um conhecimento denso na voz de quem estuda, reflete, cria e, escolhe como metodologia a suavidade e o cuidado para que seja possível ressignificar criticamente experiências que vão sendo construídas e narradas nos múltiplos movimentos daquele grupo composto por mestrandos e doutorandos.

Foram muitos os convites para que as aulas se construíssem em atenção às vozes e aos silêncios que nos fazem companheiros uns dos outros. Quantas vezes percebia-me marejada no convívio com esta professora que costura, que assinala, que amplia e que nos fortalece – insistentemente – a fiar e desfiar nosso bordado. Professora que pacientemente

instiga o estudante – e a si própria – enquanto aguarda, numa espera dinâmica, o momento através do qual cada pessoa vai expressando suas indagações, urdidas por múltiplos ritmos.

Atenta ao humano por crenças que se revelam vitais para suas veias de professora, Célia vai trazendo os teóricos num pensar que se busca liberto de dogmas. Em movimentos dinâmicos e sem filiar-se aos teóricos como partidos aprisionantes, Linhares conversa com pesquisadores, consigo mesma e conosco – orientandos – aprofundando questões com a leveza e a densidade de uma poesia. Nesse posicionamento fertilizador da professora Célia, fui e vou me reconhecendo – entre diálogos tecidos comigo mesma e com os colegas – como pensadores complexos que somos. Durante suas aulas e orientações, fui aos poucos me encorajando a estar cada vez mais inteira com minhas palavras e com meus pronunciamentos nesta instituição universitária que se propõe a nos acolher para que possamos todos – inclusive a própria UFF – crescer em nossa humanidade subjetiva e objetiva, crítica e criadora.

Tantas foram as vezes que me vi intensamente quieta, mas nunca despercebida naquelas aulas. Respeitada na minha atitude silenciosa e, convidada a fortalecer fragilidades, fui me des-emudecendo.

Hoje, doze anos depois deste encontro feliz, confirmo essas observações em cada dia de convívio com a professora que me presenteou acolhendo-me como sua orientanda. Há momentos em nossas vidas que reconhecemos como preciosos e, conscientemente, abrimos nossos limites sensoriais intensamente na busca de experienciar o presente da maneira mais densa possível, como agradecimento à graça oferecida. Desde que a conheci fui tocada ao perceber que esta professora nos ensina a sermos agudos e lúcidos ‘sem perdermos a doçura’.

Agradeço a oportunidade de conviver com sua generosidade, coerência, humildade, sabedoria e delicada firmeza, que tanto me confirmam o que é essencial. Ainda hoje, celebro a possibilidade dos aprendizados terem sido realizados em escuta e em construção de compartilhamentos e solidariedades políticas, amorosas e éticas. O meu muito obrigada a estas orientações instituintes que tão bem souberam captar-me na alma e, em atenção às

estéticas e éticas que me movem. As experiências instituintes construídas naquelas aulas foram me provocando ‘a ser mais’.

Sensibilizada com esta professora, aqui registro o seu empenho no fortalecimento do que há de mais precioso em mim. Como orientanda, pude inspirar-me nas costuras tecidas em sua prática de professora-pesquisadora-escritora, que vai tecendo compartilhamentos em múltiplas vias. Desde então, venho acompanhando suas ponderações prático/teóricas corporificadas numa busca de coerência entre o ato de refletir e de fazer educação na fala, nos gestos, no pensar, no silenciar.

Como leitora, fui agrandando reflexões ao vivenciar, na Universidade Federal Fluminense, o cotidiano acadêmico que deseja desconstruir fronteiras e ressignificar planejamentos a partir de diálogos que também vão se realizando nos mais plurais espaços de ensinagens e de aprendizagens. A sala de aula se estendia para os corredores da Universidade, para as caronas de carro oferecidas aos estudantes colegas, bem como para as reuniões também realizadas na casa da professora Célia, que acolhia os orientandos para que a prática das orientações coletivas não fosse interrompida, mesmo em momentos nos quais Célia Linhares se recuperava de uma cirurgia realizada repentinamente.

Em lugar de suspender as reuniões das orientações coletivas, nos convidou a transferir os encontros com os mestrandos e doutorandos para a sua residência, até que recebesse alta médica... A crença na importância do reconhecimento e da valorização dos espaços formativos diversos foi se imprimindo em suas/nossas práticas acadêmicas como experiências vivenciadas coletivamente.

Percebo-me uma leitora porosamente dilatada pela oportunidade de conversar – por exemplo – com os autores e experiências relatados nos livros organizados pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e testemunho nestas produções, a presença das inúmeras práticas instituintes que pude vivenciar nesta Universidade, nos convívios com professores e colegas mestrandos e doutorandos.

Não é raro pensar naqueles que sendo alunos leitores de Benjamin, Elias, Freire, Bourdieu, Barbier, Lourau, Bauman tiveram a oportunidade de ler textos escritos por estes

teóricos e discuti-los com colegas e pesquisas tão múltiplas, apesar de focos confluentes. Experiências de encontros reflexivos que ampliaram, ainda mais, nossas leituras. Quando nos aproximamos dos textos de Linhares, reencontramos esses autores em situações longe dos clichês, e para mim, tais experiências dão vontade de ler mais, em busca de descobrir a vida e, sua poesia.

Como deixar de falar do empenho da professora Linhares na busca de ajudar a garantir na Universidade, espaços de acolhimentos aos estudantes ouvintes, no ensejo de que em meio ao cotidiano acadêmico vivenciado pelos estudantes mestrando e doutorando na sala de aula, fosse possível também aos ouvintes experimentar as dinâmicas do pensamento crítico dinamizado na academia e, construir pontes reflexivas e dialógicas entre livros, teóricos, leituras, escritas e complexidades da vida?

Como esquecer as inúmeras vezes que a professora Célia chegava na sala de aula com sacolas cheias de livros a serem emprestados aos orientandos, como instigação e cuidado para que o estilo e a estética de cada mestrando ou doutorando elaborar questões, argumentos e escritas, fossem assegurados, fortalecendo o gesto autoral, criador e dialógico de cada pesquisador?

Como não lembrar as suas aulas, quando o cuidado com a linguagem da explanação, sofisticada pela beleza da simplicidade, se revelava capaz de aproximar os orientandos aos textos dos inúmeros autores, convocando o pensamento crítico para a realização de exercícios cada vez mais atentos e sensíveis, na perspectiva de que as reflexões e as produções possam vir a se libertar das armadilhas das linearizações esvaziadoras? Penso então, na força da ousadia, do risco, da disciplina, da criticidade e da ação criadora que não nos permitem sermos rasos e inoperantes.

Como não ser tocado pelos olhos amorosos do sr. Linhares, quando se dirige à sua companheira de vida? Olhos que também acolhiam a nós, – orientandos – confirmando a oferta da sua casa como sala de aula.

Será possível deixar de registrar as tantas vezes nas quais fui surpreendida por e-mails que umedeciam e encorajavam o meu coração, quando esta professora repartia conosco – orientandos e companheiros do Aleph – esperanças presentes na dor de intuir

estar se despedindo de sua querida mãe Alice... Em momentos nos quais a vida nos desafiava a construir experiências e afetos, mesmo quando submersos nos extremos que ela nos apresentava, não foram poucas as mensagens enviadas pela professora Célia aos colegas da UFF – professores, orientandos, ex-alunos, pesquisadores – inspirando aproximações amorosas e compartilhadoras que tão bem nos ensinavam e continuam nos ensinando a respeito das complexidades e dos laços.

Aprendo quando vejo nesta professora marcas ainda latentes pelo testemunho do desaparecimento do amado irmão, militante, brutalmente silenciado e interrompido do seu viver. Experiências transformadas em regas para que a paixão da professora Célia pelo ser humano, pela liberdade, pela ética e pela vida se realizem como cuidados consigo mesma e com o outro, em exercícios constantes para que não deixemos esmorecer a esperança.

Na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, vivi uma orientação instituinte, tecida entre inúmeros fios que, como a vida, se desdobram entre fragilidades e forças, reforçando aquilo que aprendi ser tão importante para uma educação instituinte: buscar estremecer – amorosa e reflexivamente – o ponto de vista único, os dogmas, as reproduções mecânicas e tantas outras formas de rendição do pensar, como empenho por práticas do diferir e do criar.

Nesta Universidade, pude viver experiências que imprimem em mim a clareza de que a educação é sempre instituinte e, como tal, não pode desistir de construir práticas e políticas que assegurem o direito do pronunciamento de todos e todas como uma realização capaz de ajudar a ressignificar palavras tais como democracia, ética, inclusão, dialogismo, polifonia e compaixão.

Agradeço à UFF, à minha orientadora Célia Linhares, ao grupo Aleph e aos colegas educadores pesquisadores – professores, mestrandos, doutorandos etc – pelas construções regadas por reflexões e compartilhamentos que nos desafiam na exigência de que sejamos mais, como bem nos ensina Paulo Freire.